

SÍMIO VEROSSÍMIL: ANÁLISE DO CONTO “UM RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA”, DE FRANZ KAFKA

Lunara Abadia Gonçalves Calixto (UFU)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o conto “Um relatório para uma academia”, de Franz Kafka, abordando aspectos que envolvem a memória e o esquecimento na narrativa como forma de transmissão de experiências, e também como busca da constituição da própria identidade, a partir da perspectiva do narrador Pedro Vermelho, um símio que foi “hominizado” depois de viver situações traumáticas. Por meio do relato do símio, há a ironia kafkiana de que todos somos animais que aprendemos a ser “humanos” somente depois de adequar-nos às situações opressoras da sociedade: o símio narrador apresenta-se como o nosso “eu humano” verossímil.

Palavras-chave: Narrativa; Memória; Animal; Kafka.

“O sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina ‘homem’, reduzi-lo a um animal manso e civilizado, doméstico”
(Friedrich Nietzsche)

Um relatório tem a finalidade de informar algo a alguém, expor algum assunto. Consultando o dicionário Caldas Aulete, por exemplo, um dos sentidos para relatório é definido como: “sm.1. Narrativa detalhada, oral ou escrita, de um conjunto de fatos, eventos ou ações”. O ato de narrar algo na forma de relatório configura-se também como uma forma transmitir alguma experiência.

¹ Mestranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: lunara_calixto@hotmail.com.

Com relação a um relatório acadêmico, porém, o alto nível de formalidade e a exigência de uma linguagem científica em sua constituição pressupõem a supressão de relatos orais de experiências pessoais. Entretanto, utilizando justamente um texto dito acadêmico, Kafka, de modo proposital e irônico, elabora uma narrativa científica marcada por uma transmissão de experiências pessoais, a partir da perspectiva de um macaco que, mesmo sendo um animal selvagem, comporta-se como um ser humano, inclusive até de forma mais superior, pois sua evolução foi curta e efetiva: "Conferem-me a honra de me convidar a oferecer à Academia um relatório sobre a minha pregressa vida de macaco. Não posso infelizmente corresponder ao convite nesse sentido" (Kafka 1994: 57).

De tantas situações possíveis de serem informadas, a escrita da narrativa apresenta-se como uma forma "palpável" da memória, já que o ato de escrever necessita resgatar reminiscências para transmitir algo. Na verdade, contar uma história implica a presença da memória, pois "a questão é inseparável de uma reflexão sobre a narração" (Gagnebin 2014: 218).

Walter Benjamin já discutira sobre a narração como forma de preservação de experiências e conhecimentos, além da construção da realidade, no ensaio "O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", em 1936. Nessa acepção, "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais" (Benjamin 1987: 198). Apesar de Benjamin ter considerado que a narrativa oral está em vias de extinção na contemporaneidade, devido ao desenvolvimento tecnológico dos tempos modernos, que torna cada vez menos frequentes reuniões para compartilhamento de histórias, a narrativa escrita tem permanecido, principalmente no gênero romance. Na verdade, se o ato de narrar nasce das experiências vivenciadas e das histórias ouvidas, a escrita da narrativa se constitui como uma forma de preservação da memória e da tradição, "pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz" (Benjamin 1987: 220-221). É assim que o conto "Um relatório para uma academia", de Franz Kafka, se apresenta: uma narrativa escrita que trata de *memória*, a partir de situações traumáticas vivenciadas pelo símio Pedro Vermelho, em seu passado como "animal", e necessária para que entenda a sua origem; como também da sua dualidade, o *esquecimento*, necessário para que ele sobreviva no presente como "homem":

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro (Amado 1995: 132).

Franz Kafka (1883-1924) é um autor que alcançou renome mundial por suas obras abordarem personagens em conflito existencial, o que representa muito dos dilemas enfrentados pelo homem contemporâneo, como a busca pela própria identidade frente a um mundo opressor. Além disso, suas narrativas,

frequentemente curtas, mantêm uma profundidade, ou antes, a obscuridade da existência humana:

Em nenhuma obra de Kafka a aura da ideia infinita desaparece no crepúsculo, em nenhuma obra se esclarece o horizonte. Cada frase é literal e cada frase significa. Esses dois aspectos não se misturam como exigiria o símbolo, mas se distanciam um do outro, e o ofuscante raio da fascinação surge do abismo que se abre entre ambos (Adorno 1998: 240).

A partir de fatos tidos como "absurdos" ou "fantasiosos", Kafka consegue recriá-los de tal forma que surgem como acontecimentos reais, naturais, que provocam o leitor, fazendo que o estranhamento inicial se torne reconhecimento e reflexão sobre sua própria condição humana em relação aos personagens. Assim, a obra kafkiana exige a atenção de seu leitor, e conforme aponta Adorno (1998: 241) em "Anotações sobre Kafka", "Kafka exige do observador pretensamente desinteressado um esforço desesperado, agredindo-o e sugerindo que de sua correta compreensão depende muito mais que apenas o equilíbrio espiritual, sendo uma questão de vida ou morte".

No conto em análise, percebe-se a obscuridade humana na história do símio que se tornou hominizado após ter sido capturado e enjaulado, situação extrema para ele que o mudou para sempre. Após uma situação traumática, frequentemente não há a disposição para se narrar o que aconteceu. Segundo Benjamin (1987), em "Experiência e pobreza", há uma queda da experiência e da narração na sociedade atual, impulsionada pelas guerras mundiais, em que o homem se tornou mais individualista, de modo que "é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade" (Benjamin 1987: 115). Benjamin ainda problematiza que a narrativa de experiências perdeu sua força na sociedade do século XX, e que a transmissão de conselhos é praticamente nula, já que os mais novos frequentemente não valorizam a experiência que os mais velhos têm a oferecer:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso (Benjamin 1987: 118).

Para Benjamin (1987: 197), "a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente". Essa posição pode parecer um tanto radical ou talvez pessimista, pois apesar de o mundo ter se tornado mais tecnológico e as pessoas não tão próximas para narrativas orais, o mundo continua a produzir e publicar narrativas. O que talvez Benjamin (1987) não considere é que as transformações dos gêneros literários tenham alterado apenas o *modo* de narração, apresentando novas formas de transmissão de experiências:

[...] mesmo que se lamente o desaparecimento das formas tradicionais de contar, o desaparecimento da escuta paciente e respeitosa dos anciões, o desaparecimento das lembranças compartilhadas e de uma memória coletiva, o desenvolvimento capitalista contemporâneo torna ilusória qualquer esperança de retorno a essas formas comunitárias de vida, lembrança e narração que são facilmente idealizadas em retrospecto. (Gagnebin 2014: 221).

Com relação à questão "arte" de narrar, tida em queda por ele, o personagem criado por Kafka é extraordinário, irônico, no sentido de um símio narrar a sua evolução, remetendo ao caminho que nós, seres humanos, também percorremos. E de fato, para Benjamin (1987: 149), "Kafka dispunha de uma capacidade invulgar de criar parábolas". A obra de Kafka é carregada de um código próprio, de forma que a "significação simbólica não é de modo algum evidente, desde o início, para o próprio autor" (Benjamin 1987: 146).

Assim, o presente artigo também pretende apontar, por meio do conto "Um relatório para uma academia", um contraponto dessa "queda" da transmissão de experiências que Benjamin (1987) declara sobre a contemporaneidade. Essa obra configura-se como um registro de uma experiência a partir do foco narrativo de um símio que se personalizou como ser humano, demonstrando que narrar uma experiência, compartilhar um relato, é ainda uma atitude presente na contemporaneidade e necessária para a compreensão da própria realidade. Pretende-se também abordar a ironia de que todos somos animais que aprendem a ser "seres humanos", ou seja: o símio narrador é o nosso *eu* verossímil.

Esse conto apresenta a história de um macaco que, convidado por uma universidade a falar sobre a sua vida passada de símio, resolve contar por meio de um relatório. Conforme já mencionado, o formato de relatório científico utilizado pelo narrador personagem não inviabiliza o caráter de um texto pessoal. Ele é o próprio narrador de sua história, pois relata todos os episódios por quais passou até adquirir status de ser humano. Pollak (1989: 06) afirma que "para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta". A escuta, no caso, é a Universidade, que quer conhecer como ele se tornou um "homem". Ele se apresenta como um macaco culto, perceptível pela linguagem formal que utiliza e pelos gostos requintados que passou a adquirir. A trajetória de sua mudança foi considerada breve por ele, em contraponto à evolução do ser humano, que na escala de Darwin, demorou milhares de ano:

Quase cinco anos me separam da condição de símio; espaço de tempo que medido pelo calendário talvez seja breve, mas que é infundavelmente longo para atravessar a galope como eu o fiz, acompanhado em alguns trechos por pessoas excelentes, conselhos, aplauso e música orquestral, mas no fundo sozinho, pois, para insistir na imagem, todo acompanhamento se mantinha bem recuado diante da barreira (Kafka 1994: 57).

O símio conquistou a sua atual personalidade ao observar o ser humano e aprender a se adequar às maneiras civilizadas, obedecendo aos preceitos da

sociedade como forma de sobreviver. E de tudo o que viveu, “a tormenta cujo sopro me carregava do passado amainou; hoje é apenas uma corrente” (Kafka 1994: 57-58). Mas antes de estar em contato com atos ditos civilizados, sofreu na jaula com maus tratos de homens que agiam de forma “animalizada”, o que evidencia o tom irônico de Kafka, em que homens são mais selvagens que os próprios animais. O sofrimento e a submissão são situações ocorrentes para se sobreviver no mundo opressor:

A força de Kafka é a demolição. Diante do sofrimento incomensurável, ele derruba a fachada acolhedora, cada vez mais submetida ao controle racional. Nesse processo de demolição – e nunca este conceito foi tão popular como no ano da morte de Kafka –, ele não detém, como a psicologia, diante do sujeito, mas alcança a matéria em estado bruto, mero ente que emerge na esfera subjetiva através do colapso total de uma consciência alienada, que renuncia a qualquer auto-afirmação. A fuga atravessa o homem até chegar ao desumano – esta é a trajetória épica de Kafka (Adorno 1998: 247).

Desde o momento em que é capturado por caçadores na África, levando dois tiros, um na maçã do rosto (que deixou uma cicatriz vermelha na face, o que posteriormente lhe rendeu o apelido de Pedro Vermelho), e outro na perna, o espaço que o símio passa a viver é marcado por opressão e repressão: no navio, é enjaulado, sofre com aquele cativo, com homens bêbados sempre a importuná-lo com brincadeiras. Não havia saída da jaula, não conseguia fazer com que seus instintos agissem:

Até então eu tivera tantas vias de saída e agora nenhuma! Estava encalhado. Tivessem me pregado, minha liberdade não teria ficado menor. Por que isso? Escalavre a carne entre os dedos do pé que não vai achar o motivo. Comprima as costas contra a barra da jaula até que ela o parta em dois que não vai achar o motivo. Eu não tinha saída mas precisava arranjar uma, pois sem ela não podia viver (Kafka 1994: 60).

Seu raciocínio começa a se desenvolver justamente nessa busca por uma saída, já que o sofrimento era insustentável. O caminho para tornar-se humano começa quando se vê em um beco sem saída. A sua evolução começa com o chicote, metáfora da vida humana para as adversidades que encontramos: “a minha evolução, empurrada para a frente a chicote” (Kafka 1994: 57). A opressão que estava vivenciando, fora de seu habitat, permitiu que o símio começasse a usar a mente se livrar da situação:

Caso permanecesse sempre colado à parede daquele caixote teria esticado as canelas sem remissão. Mas na firma Hagenbeck o lugar dos macacos é de encontro à parede do caixote – pois bem, por isso deixei de ser macaco. Um raciocínio claro e belo que de algum modo eu devo ter chocado com a barriga, pois os macacos pensam com a barriga (Kafka 1994: 60-61).

Logo, o símio ouve que pretendiam levá-lo a um teatro de variedades na Europa, a fim de se tornar um macaco amestrado. Dessa maneira, Pedro Vermelho explica que só foi possível deixar de agir como símio e se tornar como um ser humano esquecendo-se de suas origens e de suas lembranças da juventude, e passando a imitar o ser humano: "foram as observações acumuladas as que primeiro me impeliram numa direção definida" (Kafka 1994: 63). Kafka ainda ironiza sobre o fato de o símio ter começado a ser percebido com traços de hominização quando consegue tomar uma garrafa de cachaça de uma só vez, aprender a cuspir para o lado, e quando consegue usar um cachimbo, como fazia o marinheiro que o ensinava:

Era tão fácil imitar as pessoas! Nos primeiros dias eu já sabia cuspir. Cuspimos então um na cara do outro; a única diferença era que depois eu lambia a minha e eles não lambiam a sua. O cachimbo eu logo fumei como um velho; se depois eu ainda comprimia o polegar no forninho, a coberta inteira do navio se rejubilava (Kafka 1994: 63).

Assim, só é percebido com traços humanos, observado de maneira mais atenta, quando tem atos que fogem de um padrão de civilidade.

Quando sai do navio, Pedro Vermelho se vê entre duas opções: ir para o zoológico ou para o teatro de variedades. Como fugir de grades era o que o empenhara a imitar os homens, o símio emprega "toda a energia para ir ao teatro de variedades; essa é a saída; o jardim zoológico é apenas uma nova jaula; se você for para ele, está perdido" (Kafka 1994: 66). O símio vai para teatros pertencentes à Companhia Hagenbeck, empresa responsável pela sua captura e amestramento, e que também possuía um histórico de domesticação de animais selvagens da África para servirem como atração na Europa. Depois de vários professores instruírem-no, ele começa a visualizar um novo futuro para si:

Quando já havia me tomado mais seguro das minhas aptidões e o público acompanhava meus progressos, começou a luzir o meu futuro: contratei pessoalmente os professores, mandei-os sentarem em cinco aposentos enfileirados e aprendi com todos eles, simultaneamente, à medida que saltava de modo ininterrupto de um aposento a outro (Kafka 1994: 66).

Depois de um tempo, torna-se um conferencista, participando de várias sociedades científicas, tendo inclusive um empresário. Apesar de ter sido solicitado a contar sobre sua vida em uma Universidade, o símio Pedro Vermelho não quer vivenciar, *experienciar* novamente o que viveu, até porque percebe que muito já havia ficado no esquecimento: uma vez tendo se tornado hominizado, o caminho reverso é impossível. Dessa forma, escreve um relatório contanto sobre a sua *metamorfose*, ou antes, *antropoformização*: "se o narrador rememora o distante, é para entregá-lo a uma salvação que significa, ao mesmo tempo, redenção e dissolução feliz" (Gagnebin 2014: 217).

Na construção de seu relato, memória e esquecimento são dualidades presentes. Pedro Vermelho evidencia que o esquecimento também foi fator importante para a sua evolução: "Essa realização teria sido impossível se eu tivesse

querido me apegar com teimosia à minha origem e às lembranças de juventude" (Kafka 1994: 57). Assim, o Símio afirma que muito do que escreve vem de relatos de outras pessoas, já que não confia muito no que se lembra: "Sobre como fui capturado, tenho de me valer de relatos de terceiros" (Kafka 1994: 58).

Em Kafka, a figura dos animais adquire um importante caráter simbólico: seus personagens humanos se tornam animais, como é o caso de *A metamorfose*, em que Gregor Samsa acorda literalmente um inseto; ou os animais se comportam como humanos, caso de "Um relatório para uma academia", ou o personagem *Bucéfalo* do conto "O novo advogado", esses últimos presentes no livro "Um médico rural". Benjamin (1987: 156) expõe que "o que é certo é que de todos os seres de Kafka são os animais os que mais refletem". E de fato, no conto de Pedro Vermelho, ele é mais humano e racional do que os "homens verdadeiros" que o rodeiam, "o animal é o limpo, os homens são os sujos: Kafka brinca de amarelinha na estrada tortuosa da 'evolução' dita humana, ou ainda: ele joga lego com as peças da Criação" (Seligmann-Silva 2010: 207). Essas considerações são válidas, pois os homens que estavam com ele no navio agiam de forma mais animalesca e irracional que ele, ao quererem ensiná-lo a cuspir, a beber aguardente ou quando o queimavam com o cigarro quando não conseguia imitá-los, por exemplo. Montaigne (1980: 215) já postulava que "os animais são ainda mais generosos que nós, pois nunca se viu um leão escravo de outro leão, nem um cavalo de outro cavalo".

Decidir tornar-se como um humano foi uma tentativa de encontrar uma saída: não uma tentativa de liberdade, no sentido filosófico e abstrato, mas de saída, saída daquela jaula que o comprimia e que o deixava reduzido a uma condição de extremo sofrimento:

Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde quer que fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria maior. Ir em frente, ir em frente! Só não ficar parado com os braços levantados, comprimido contra a parede de um caixote (Kafka 1994: 61).

A jaula foi um símbolo importante para perceber que a noção de liberdade é ilusória, pois há que se seguir todo um protocolo de ações, ou então há coerções. E ao observar os seus captadores, chega à conclusão de que "é muito frequente que os homens se ludibriem entre si com a liberdade. E assim como a liberdade figura entre os sentimentos mais sublimes, também o ludíbrio correspondente figura entre os mais elevados" (Kafka 1994: 61). Para encontrar a saída, o passado de macaco deveria ficar inexoravelmente para trás: "Justamente a renúncia a qualquer obstinação era o supremo mandamento que eu me havia imposto; eu, macaco livre, me submeti a esse jugo" (Kafka 1994: 59). E se Pedro Vermelho se mantém como humano, isso se deve ao desejo inicial de não voltar para a jaula opressora: "Repito: não me atraía imitar os homens; eu imitava porque procurava uma saída, por nenhum outro motivo" (Kafka 1994: 70).

Definitivamente não se trata de resgatar o passado, mas de compartilhar uma experiência, de como se tornou um ser humano. Pedro Vermelho demonstra que para se seguir em frente, encarar uma situação, o passado deve ficar no

esquecimento, sem vias de retorno: "A natureza do macaco escapou de mim frenética" (Kafka 1994: 66). Benjamin (1987: 156) propõe que é necessário haver uma estreita relação entre narrar, lembrar e esquecer:

o esquecimento – e aqui atingimos um novo patamar na obra de Kafka – não é nunca um esquecimento individual. Tudo o que é esquecido se mescla a conteúdos esquecidos do mundo primitivo, estabelece com ele vínculos numerosos, incertos, cambiantes, para formar criações sempre novas. O esquecimento é o receptáculo a partir do qual emergem à luz do dia os contornos do inesgotável mundo intermediário, nas narrativas de Kafka.

Quanto mais Pedro Vermelho se afastava de sua origem, mais o esquecimento se manifestava, e "as recordações, por seu turno, se fecharam cada vez mais" (Kafka 1994: 57). Já não havia mais possibilidade de voltar a ser o que era: "sua origem de macaco, meus senhores, até onde tenham atrás de si algo dessa natureza, não pode estar tão distante dos senhores como a minha está distante de mim" (Kafka 1994: 58). O esquecimento aqui sugere uma forma de superação, ou mesmo sobrevivência. Para Benjamin (1987: 157), em Kafka os "animais são os receptáculos do esquecimento", e o "esquecimento diz sempre respeito ao melhor, porque diz respeito à possibilidade da redenção" (Benjamin 1987: 161).

Kafka é irônico ao trazer a história de um símio que descobre a sua "humanidade" ao recalcar a sua animalidade:

Ao tratar da vida animal, Kafka toca na crise da soberania e da nossa autoimagem. Essas duas crises se lhe aparecem como paralelas. Ele mostra o animal em nós, como Freud e, antes dele, Darwin o fizera. Ele mostra um poder amorfo, teoricamente o monopolizador da violência, que tenta gerir essa vida nua que lhe escapa (Seligmann-Silva 2010: 207).

Além disso, Seligmann-Silva (2010) aponta que Kafka fala dos animais para se referir ao animal-humano, sobre o ser humano que também tem essa luta interna de reprimir seus instintos mais primitivos para vivenciar a racionalidade da sociedade. Seligmann-Silva ainda aponta sobre os estudos de Freud sobre *O mal-estar na cultura*, em que o homem é "um ser que ao se tornar bípede teve que recalcar seus instintos" (Seligmann-Silva 2010: 209). O único momento que Pedro Vermelho se sente livre, não reprimindo a sua animalidade original, é durante o sexo, pois à noite, sempre o está "esperando uma pequena chimpanzé semi-amestrada" com a qual ele se permite "passar bem com ela à maneira dos macacos" (Kafka 1994: 67). Porém, sabe que esse contato deve ser breve, pois não poderá conviver com ela nem como macaco nem como homem: "durante o dia não quero vê-la; pois ela tem no olhar a loucura do perturbado animal amestrado; isso só eu reconheço e não consigo suportá-lo" (Kafka 1994: 67).

Para se adequar à nova sociedade, Pedro Vermelho perde sua origem, o que o identificava. Não cabia a ele escolha de volta, pois ou se conformava em ser um animal cativo em jaula, ou então, procurava fazer o que lhe mandassem, mas tendo

“liberdade” de se mover, tendo direitos e deveres como homens comuns: “ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo. Fiscaliza-se a si mesmo com o chicote; à menor resistência flagela-se a própria carne” (Kafka 1994: 66). Porém, inevitavelmente nunca poderá ser plenamente um homem nem um animal, permanecendo um ser híbrido:

Esses meus progressos! Essa penetração por todos os lados dos raios do saber no cérebro que despertava! Não nego: faziam-me feliz. Mas também admito: já então não os superestimava, muito menos hoje. Através de um esforço que até agora não se repetiu sobre a terra, cheguei à formação média de um europeu. Em si mesmo talvez isso não fosse nada, mas é alguma coisa, uma vez que me ajudou a sair da jaula e me propiciou essa saída especial, essa saída humana (Kafka 1994: 66).

O símio finaliza seu relato com a reflexão de que se não está de todo feliz, também não se sente insatisfeito: “Seja como for, no conjunto eu alcanço o que queria alcançar. Não se diga que o esforço não valeu a pena. No mais não quero nenhum julgamento dos homens, quero apenas difundir conhecimentos” (Kafka 1994: 67).

A literatura de Kafka nos confronta ao nosso *ser animal*. Pedro Vermelho nos mostra como nós humanos também nos despimos de nossa origem para nos adequarmos às normas da sociedade. Assim como a imitação constante de um comportamento humano foi fundamental para sua hominização, também nós imitamos os padrões normativos que nos são impostos. Conforme aponta Seligmann-Silva (2010: 218), o símio

ironiza ainda a ideia de liberdade em seu relatório: como Freud, ele sabe que só nos tornamos homem graças à nossa capacidade de moldar nossos corpos às graças de uma prisão, como ele mesmo o fez quando foi capturado. E mais, o macaco tornou-se homem, como não poderia deixar de ser, como todos nós: ou seja, imitando os outros homens.

A ironia presente no conto não deixa que esqueçamos que o caminho do símio é o caminho de todo ser humano. Assim como a jaula o deixa em uma situação insustentável, em que ele se vê obrigado a procurar uma saída – saída esta compreendida como adaptar-se ao jeito do seu captor – a jaula de todo ser humano é a sociedade, que nos impele a deixarmos a nossa animalidade, qualquer instinto que arruíne o ideal de uma civilidade, e o “nosso processo de aculturação é um largo processo de afastamento, recalçamento e de despedida de nosso corpo” (Seligmann-Silva 2010: 218).

E o fato de o animal desse conto ser um símio pode ser interpretado como uma forma de nos aproximarmos mais desse personagem, já que segundo Darwin, partimos de um mesmo ancestral comum na escala da evolução. Na verdade, Pedro Vermelho, na figura de “macaco-homem, ou homem-macaco, dá voz a este animal que se desencadeou de dentro de nós” (Seligmann-Silva 2010: 218).

Considerações Finais

O relatório do símio Pedro Vermelho aborda uma experiência com a qual lidamos todos os dias como seres humanos: estamos nas mesmas condições, imitamos as normas para sermos considerados civilizados, recalamos nossos instintos e a nossa "forma animalesca", mas no fundo, não passamos de animais amestrados. Pedro Vermelho é irônico ao mostrar que enquanto sua evolução levou apenas cinco anos, a do ser humano, considerado o ser superior sobre todas as espécies, milhares de anos. Kafka elege um animal selvagem, cuja finalidade inicial de captura era ser atração de um teatro de variedades, para mostrar que a sua submissão e atuação reflete também a do ser humano, que também tem de atuar em vários papéis e segundo diversas circunstâncias, e se submeter a várias ordens superiores. Além disso, para a sociedade, importa o quanto este homem dito civilizado, não mais animalesco, possa produzir. Iludimo-nos com uma ideia de liberdade, mas na verdade, ainda permanecemos em uma "jaula" de opressão, ou seja, temos de abrir mão de nós mesmos para sobreviver. Esquecemos nossa origem e só somos aceitos no mundo imitando padrões. Uma crítica à ilusória supremacia humana sobre o mundo e sobre si mesmo.

VERISIMILAR SIMIAN: ANALYSIS OF THE SHORT STORY "A REPORT TO AN ACADEMY", BY FRANZ KAFKA

Abstract: This article aims to analyze the short story "A report to an academy", by Franz Kafka, addressing aspects involving memory and oblivion in the narrative as a way of transmission of experiences, and also the establishment of own identity, from the perspective of the narrator Red Peter, an ape that became "human" after living traumatic situations. Through the simian's report, there is a irony of Kafka that we are all animals that learn to be "human" only after adapt us to oppressive situations of society: the narrator simian presents itself as our "human self" credible.

Keywords: Narrative; Memory; Animal; Kafka.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka. In: _____. *Prismas: Crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge de Almeida São Paulo: Ática, 1998. p. 239-270.

AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, n. 14, 1995, p. 125-136.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. (Obras escolhidas; v.1)

_____. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 137-164.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

DICIONÁRIO Aulete Digital. Lexicon editora digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/relat%C3%B3rio#ixzz3e0Nc3wgP>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O trabalho de rememoração de Penélope. In: _____. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 217-249.

KAFKA, Franz. Um relatório para uma Academia. In: _____. *Um médico rural*. Trad. Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 57-67.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, II. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, jul-dez. 2010, p. 205-222.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2016 E APROVADO EM 11/05/2016